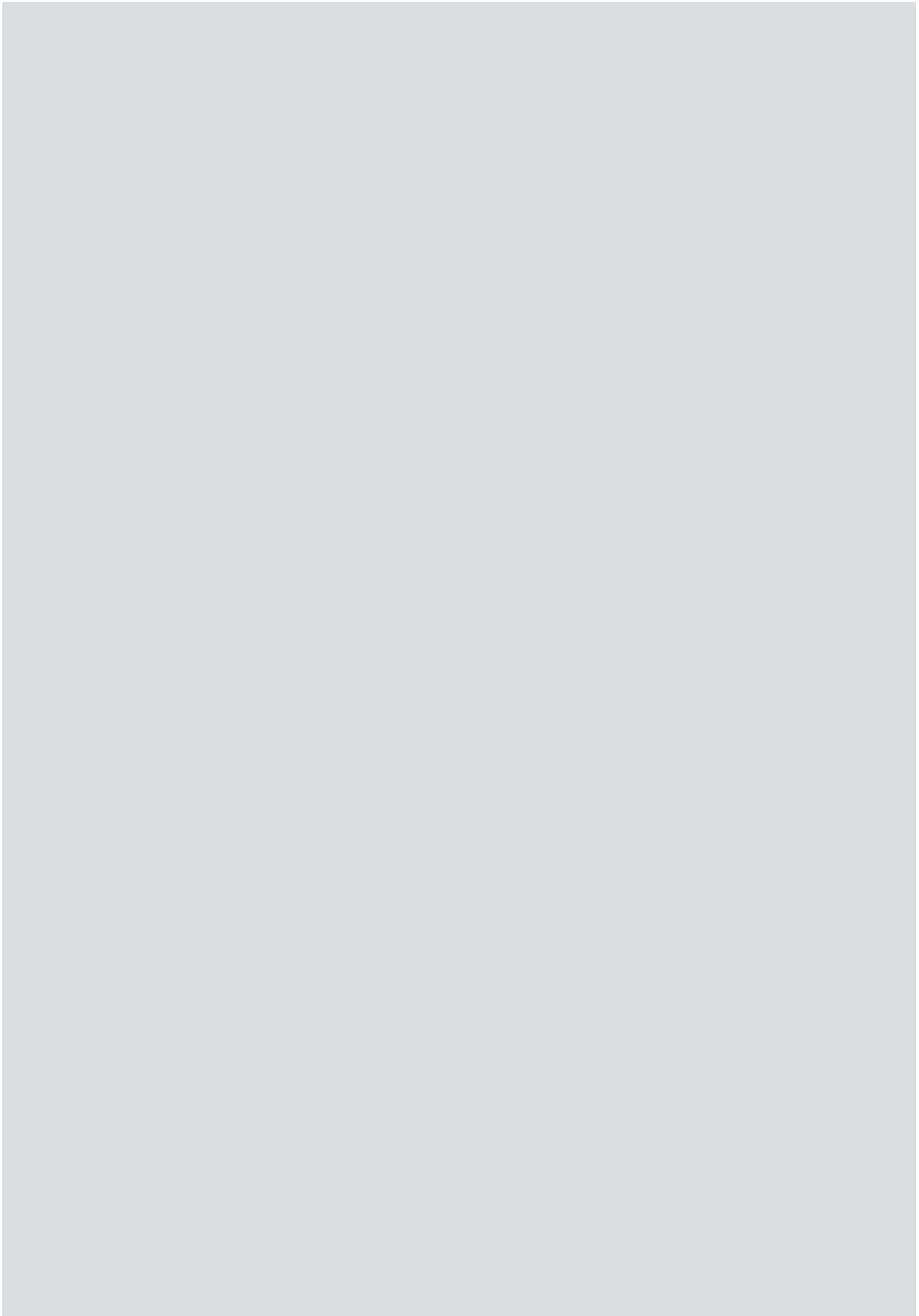




**HELIO DE ARAUJO
EVANGELISTA**

Manuel Correia de Andrade e a
perspectiva ambiental no seu
pensamento econômico

Professor Doutor do
Departamento de
Geografia e do
Programa de
pós-graduação em
ciência ambiental da
Universidade Federal
Fluminense
(helio@vm.uff.br)



APRESENTAÇÃO

Entre os grandes geógrafos brasileiros, Manuel Correia de Andrade foi com quem mantive o menor contato. A rigor, convivi com ele apenas um espaço de uma semana durante a realização do concurso para professor titular na área de geografia humana em 1993 promovido pela Universidade Federal Fluminense, sendo que eu presidia a comissão responsável pela organização do concurso.

Como presidente desta comissão chegamos a almoçar juntos, falamos durante a semana sobre alguns pontos de geografia e semanas depois recebi uma carta sua sobre seus estudos de geopolítica e, particularmente, sobre federação brasileira. Na época, encontrava-me muito voltado para a história territorial do estado do Rio de Janeiro e, pelo sim, pelo não, a correspondência ficou só naquela carta!

Em outras oportunidades assisti suas palestras em seminários e encontros e o que chamou-me a atenção foi a sua postura. Passei a estudá-lo e fiz um trabalho sobre sua produção acadêmica para o I Encontro Nacional da História do Pensamento Geográfico, realizado pela Unesp (Rio Claro) em dezembro de 1999. Assim, o que se segue tem relação com este período.

PRODUÇÃO¹

Manuel Correia de Andrade nasceu em Pernambucano em 03/08/1922, na localidade de Nazaré da Mata. Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Recife (1941-1945), Licenciado em História e Geografia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Manoel da Nóbrega, da atual Universidade Católica de Pernambuco (1944-1947). Doutor em Economia (por concurso de Cátedra) da Universidade Federal de Pernambuco. Curso de Altos Estudos Geográficos na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (1956) e Curso de Estudos Avançados no Instituto da América Latina da Universidade de Paris (1964-1965).

¹ Biografia baseada em nosso texto – Epistemologia e geografia brasileira: uma leitura das obras de Manuel Correia de Andrade e Ruy Moreira – publicado nos *Anais do I Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico, Eixos Temáticos*, vol. II, Trabalhos Completos. Unesp- Rio Claro (SP), 1999, p. 76-83.

Foi professor do Ginásio Pernambucano de Recife, da Universidade Federal de Pernambuco (dando aulas em cursos de graduação e pós-graduação nos departamentos de Geografia e de Economia, assim como coordenador dos cursos de Mestrado em Geografia e Economia e participante da criação dos mestrados em Sociologia e Desenvolvimento Urbano), Professor Visitante da Universidade de São Paulo (1966-1967) e pesquisador pelo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisa Social.

Dirigiu órgãos públicos como o Grupo Executivo da Produção de Alimentos (GEPA) em 1963-1964 e do Grupo de Estudos para a Reforma Agrária (GTRA), em 1969, ambos no Estado de Pernambuco, onde participou como conselheiro do Conselho Estadual de Educação (1964).

Apresenta uma vasta obra, tendo mais de 50 livros publicados, 2 teses de concurso, 15 plaquetas e 132 outras em forma de artigos, ensaios, etc. Além de 49 comunicações apresentadas em Congressos e Reuniões Científicas, 35 artigos publicados em jornais, 138 participações em congressos e reuniões científicas nacionais, 27 congressos internacionais, 124 convites e distinções, ministrou 139 Cursos de Extensão e Conferências, orientou 37 dissertações de mestrado.²

Quanto às características de sua obra, percebe-se que sua trajetória foi sempre marcada pela *autossuperação pessoal*. Um intelectual nordestino cuja preocupação não se limita ao Nordeste, um geógrafo que não se limita à Geografia. Sensível às mudanças das disciplinas quanto às abordagens e métodos, nunca ficou, porém, refém de nenhuma delas. Crítico contumaz, arguto observador das tendências, soube criticar e apoiar importantes iniciativas na campo da geografia brasileira.

Manuel Correia de Andrade é geógrafo, com uma formação na qual os cursos de Geografia e História estavam mesclados. Ele comunga com um modelo histórico-estrutural utilizando sociologia e economia, para mostrar que a Geografia é uma ciência social. Ele não compartilha da visão setorialista segundo a qual teríamos uma geografia fatiada, inclusive, ele não adota esta visão positivista para os vários ramos da ciên-

² Estas referências biográficas foram amealhadas nas obras do autor: *Espaço, polarização e desenvolvimento*. 4. ed. São Paulo: Ed. Grijalbo, 1977; *Caminhos e descaminhos da Geografia*. 2. ed. São Paulo: Ed. Papirus, 1993; e ainda temos a obra *Manuel Correia de Andrade: o geógrafo e o cidadão*, organizada por José Lacerda Felipe e editada, em 1995, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

cia. Para ele, há uma só ciência que, por conveniência e por influência de determinadas correntes de pensamento, a ciência se viu levada a romper com uma visão integradora, como era própria dos grandes sábios do passado em favor de campos específicos de questionamento.

Um aspecto que chama a nossa atenção em seu pensamento vem a ser o relevo que a relação sociedade-natureza tem para os seus estudos. Ele entende que há uma contínua transformação do que ele chama espaço primitivo em favor do espaço geográfico. O primeiro corresponderia à ausência de qualquer ação antrópica, enquanto o segundo conteria a real dimensão para o geógrafo tendo em vista que a natureza estaria humanizada, ou seja, a sua compreensão passaria pela pesquisa sobre as relações sociais, e ainda, como estas mesmas relações sociais são forjadas e/ou condicionadas pelo próprio âmbito natural, gerando assim um quadro complexo e interativo entre essas duas dimensões da realidade.

Outro aspecto que chama a atenção em seu trabalho vem a ser a valorização da observação. Não são poucas as passagens em que o autor destaca a forte dependência do geógrafo quanto aos frutos advindos dos trabalhos de campo. Ele mostra-se relativamente cético em relação a uma Geografia que não procura inferir suas conclusões e estudos a partir dos trabalhos de campo.

No âmbito da geografia brasileira, Manuel Correia de Andrade não deixa de apresentar, de um lado, um acordo com os aspectos benéficos trazidos pela Geografia Radical, particularmente por ter introduzido a dimensão político e crítica para o discurso do geógrafo, mas, por outro lado, ele não deixa de tecer severas reservas quanto à maneira que a mesma vem priorizando certos enfoques e negligenciando outros.

Em termos de posicionamento político, Manuel Correia de Andrade mantém uma têmpera marcada pelos dramas de sua região de origem. O nordeste brasileiro, a sua dura realidade, emulou no próprio um engajamento, não raro corajoso, em favor de medidas que diminuíssem as dificuldades da população mais pobre. Porém, aí entra uma das ambiguidades de sua trajetória, Manuel Correia de Andrade era um homem do Estado, sua carreira acadêmico-profissional se deu sob os auspícios do apoio público às suas pesquisas. O livro *Espaço, polarização e desenvolvimento*, por exemplo, é um trabalho emi-

mentemente voltado para a instrumentalização de um método de desenvolvimento, o desenvolvimento regional, que capacite quadros técnicos em sua ação na região nordestina; ao contrário, por exemplo, da obra *Geografia econômica*³ que apresenta uma outra forma de abordagem da economia. Assim, temos neste intelectual nuances crivadas em sua trajetória devido a inserções profissionais de diferentes épocas, o que ajuda a explicar, em parte, a sua profícua produção.

Outro aspecto que ajuda a compreender senão as características de sua obra, mas pelo menos, o seu volume, vem a ser o fato de Manuel Correia de Andrade ser um bibliófilo. Sendo famosa a sua coleção de livros, esta o auxilia na confecção de cada novo livro abordando diferentes assuntos. Além disto, chama a atenção o fato de suas obras terem sido editadas por diferentes editoras, o que decorre não só da própria profusão criativa do autor, mas também de sua sensível articulação com diferentes editoras. Quando se sabe como é difícil editar um livro no Brasil na área de Geografia, que não seja eminentemente voltado para o ensino, a obra deste autor sinaliza uma habilidade em acessar diferentes empresas.⁴

ECONOMIA

Homem marcado por uma dura realidade regional, habituado a andanças que o tornavam apto a perceber o que significaria a economia em estado vivo, uma economia com cor local. Não uma economia eivada por números, tabelas ou estatísticas, em que pese tivesse pleno domínio desta vertente. Manuel Correia de Andrade tinha suficiente envergadura para entender a economia no seu sentido complexo quanto temos diante de nossos olhos os lugares. Estes não dividem o que é próprio da econo-

³ *Geografia econômica*. 10. ed. São Paulo: Ed. Atlas, 1989.

⁴ Esta parte do trabalho veio a ser apoiada nos seguintes trabalhos – *Caminhos e descaminhos da geografia* (op. cit.); *Elissé Reclus* tendo o próprio como organizador dos textos publicados pelo geógrafo francês, São Paulo: Ática, 1985; *Tendências atuais da geografia brasileira*. Recife: Asa Pernambuco, 1986; *Espaço, polarização e desenvolvimento* (op. cit.); *Manuel Correia de Andrade: o geógrafo e o cidadão* (op. cit.); *Uma geografia para o século XXI*. Campinas (SP): Ed. Papirus, 1994.; *Geografia, ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico*. São Paulo: Atlas, 1987; e a sua obra clássica *A terra e o homem no nordeste*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1986.

nia, ou o que é próprio da sociologia, ou da antropologia. O lugar é evidente por si, ele próprio acusa a complexidade de uma realidade que está a exigir de um analista uma noção do seu clima, relevo, característica do solo. Enfim, a economia para ele está subordinada e, ao mesmo tempo, destacada à medida que o seu objeto específico vinha articulado com várias interfaces.

Em termos de definição, poderíamos afirmar que Manuel Correia de Andrade seguia o postulado marxista? Acredito que não. Aliás tive oportunidade de assistir a uma palestra sua em Garanhuns, no ano de 1994, pelo qual ele criticava severamente os marxistas, os marxistas virgens, ou seja, os que se intitulavam marxistas mas que não liam Marx ou mal o faziam.

Manuel Correia de Andrade certamente leu Marx, há obras que expressam uma clara influência deste autor⁵. Mas de forma alguma ele não se prendia a Marx. Parece-me que seu grande legado, sua grande preocupação, ao fim e ao cabo era com o seu sertão, o Nordeste Brasileiro.⁶ Neste sentido, nós temos a obra intitulada – Espaço, polarização e desenvolvimento – de 1977. Sua preocupação é com a teoria dos polos de desenvolvimento e como proporcionar fatores que otimizados dirimam a situação precária de áreas pobres. É uma obra afeita a uma discussão da economia numa perspectiva regional. O econômico vem articulado à sua dimensão espacial. A economia adquire uma cor local. Ele realiza um resgate do pensamento da economia espacial que adota uma visão sistêmica (Cholley) na direção de uma outra na qual a economia se expressa melhor em sua complexidade (Perroux).

A formação econômica de Manuel Correia de Andrade é bem diversificada, cabe notar, no entanto, o esteio de todo o trabalho, a saber, a questão espacial. E, inicialmente, ele entende a economia numa perspectiva nitidamente regional. Em seguida, temos uma abordagem voltada aos polos de desenvolvimento, depois se segue uma vertente voltada

⁵ Tais como – Imperialismo e fragmentação do espaço – de 1988, ou ainda – Lutas camponesas no nordeste – de 1989.

⁶ Ao receber o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 7 de junho de 1995, ele se acusou sensibilizado com a homenagem e destacou “É com a maior alegria e emoção que recebemos, hoje, nesta solenidade, o título de Professor Honoris Causa pela UFRN que, ao fazê-lo demonstra a sua generosidade e a sua sensibilidade para quem vive no Nordeste, dedicando toda a vida ao estudo e à reflexão sobre nossa Região ...”

A íntegra do discurso pode ser encontrado em Andrade (1995) trabalho organizado por José Lacerda Felipe.

para a questão da mais-valia, transferência de valor entre as áreas, etc. Mais recentemente, ele destacará a questão ambiental.

Mas, a rigor, o pensamento de Manuel Correia de Andrade não passa por fases, ou seja, ele não muda, a rigor, o que ocorre em seu pensamento que algumas ênfases são dadas em certas épocas e depois entram outras. Mas o que isto significa? Manuel Correia de Andrade nunca foi um pensador de uma única peça, ele sempre já considerava a questão ambiental em seus primeiros escritos, ele nunca perdeu a noção do sofrimento das pessoas, a exploração existente, nunca desconheceu a necessidade de plano, planejamento, condução de processos. Enfim, a sua obra, por forças das circunstâncias, incluindo aí oportunidade que lhes abria o mercado editorial veio a explorar diferentes enfoques.

MEIO AMBIENTE

Manuel Correia de Andrade não foi um geomorfólogo, embora tivesse conhecimento de geomorfologia. Ele não foi um botânico, embora tivesse um curiosidade inata que tudo levava a conhecer. Mas o que é importante deixar aqui registrado é que a questão ambiental para ele estava eivada por uma dimensão social. A questão ambiental era muito mais que um recurso, um meio, um enfoque, para melhor adentrar na complexidade de uma dada área.

Para tanto, gostaria de chamar a atenção para a sua obra clássica intitulada *A terra e o homem no nordeste*. Esta obra revela muito de um aspecto que o sempre o acompanhou, a saber, é impossível conhecer uma situação econômica, uma realidade social enfim, sem estar a par do quadro natural no qual a população está inserida e muito particularmente em que termos se dá esta relação. Relação esta que de forma alguma é determinística, ou seja, é o social que determina, é o ambiental que determina, de forma alguma. A sua reflexão enseja o desafio aos economistas, aos sociólogos, e também aos geógrafos, de ter sempre em conta que o meio ambiente é um nervo básico do fato social. A rigor, ele procurava conhecer o meio ambiente para melhor entender a população que dele dependia!

Agora, Manuel Correia de Andrade seria preservacionista? Sim, desde que esta política ajudasse na vida das pessoas, dos ribeirinhos,

etc. Enfim, a sua reflexão caminha a favor do melhor conhecimento da natureza e respectiva preservação não de forma divorciada aos ditames da vida da cidade, dos lugares. Enfim, o fundamental para ele era a pessoa.⁷

Reparem que sua reflexão, que tem por pauta os fatores naturais, estava marcada pelo aspecto social, tal como já observamos, mas também por uma perspectiva histórica. A história, o processo histórico, é visto numa perspectiva estritamente humana, mas também envolvendo a dimensão natural que fica a condicionar esta mesma história social.

ECONOMIA X MEIO AMBIENTE

Como já observado, Manuel Correia de Andrade não se limitava a esta ou aquela corrente. Ele se servia da economia, de suas correntes, para compreender o que estava à sua frente.

Assim agindo, a relação economia e meio ambiente apresenta um especial caráter para ele. O meio ambiente não envolve apenas uma dimensão de recurso! Meio ambiente não é apenas matéria-prima. A relação economia e meio ambiente está muito marcada pela sua formação de geógrafo, o que significa assinalar que meio ambiente envolve uma totalidade que abriga a dimensão cultural. O alimento, por exemplo, não é apenas um produto orgânico, é também a afirmação de uma identidade. O ato de ser, ser pernambucano, baiano, sergipano, etc. está impregnado por uma dimensão cultural forjada pelo seu meio; assim, a economia não apenas se expressa em moeda, em número, economia é empresa, interesse, investimento, porém, com cor local. Economia não é um ente abstrato que é o que é independente do lugar. De forma alguma. A economia tem cor local, está impregnada de particularidades decorrentes do meio natural onde aquela população está inserida, mas, está impregnada de nuances, hábitos, folclores, que se expressam numa moeda, numa maneira de fazer circular a economia que depende da ambiência no qual se insere!

⁷ Algo tão incomum nestes movimentos preservacionistas quando não raro o ovo da tartaruga, baleia ou macaco recebem mais atenção que uma criança!

CONCLUSÃO

A leitura e o aprofundamento no pensamento de Manuel Correia de Andrade se mostra rico e interessante porque ele, como tantos brasileiros, do nada se fizeram! Ou seja, a sua inteligência, a sua produção intelectual não foi marcada por um enquadramento como é tão comum encontrar hoje nas universidades. Ora, algo que pode representar uma deficiência, dada a dificuldade de interlocução, e de fato o é, há um elemento virtuoso, a saber, é um pensamento genuíno, ele elabora uma reflexão mais instintiva.

Ao tempo de sua formação universitária, os recursos eram mais limitados! As pessoas envolvidas eram em menor número! Enfim, como ele construiu a sua arte de pensar? A ferro e fogo!

Isto lhe deu uma galhardia nas suas afirmações, inclusive com expressão no seu porte pessoal. Não era uma pessoa tímida, encurvada. Não! Ele tinha audácia, aliada à prudência! Se lançava! Escrevia, publicava, se expunha!

Ele era no campo intelectual, o que o sertanejo é diante da seca – sobretudo um forte!

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Manuel Correia de. *A terra e o homem no nordeste*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1973.
- _____. *Geografia econômica do Nordeste*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1974.
- _____. *Espaço, polarização e desenvolvimento*. 4. ed. São Paulo: Ed. Grijalbo, 1977.
- _____. O pensamento geográfico e a realidade brasileira. *Revista Boletim Paulista de geografia*, n. 54, jun. 1977, p. 5-39., AGB- seção São Paulo.
- _____. (org.). *Elissé Reclus*. São Paulo: Ática, 1985.
- _____. *Tendências atuais da geografia brasileira*. Recife: Asa Pernambuco, 1986.
- _____. *Geografia, ciência da sociedade: uma introdução à análise do pensamento geográfico*. São Paulo: Atlas, 1987.
- _____. *O nordeste e a questão regional*. São Paulo: Ática, 1988.
- _____. *Imperialismo e fragmentação do espaço*. São Paulo: Contexto, Edusp, 1988.
- _____. *Geopolítica do Brasil*. São Paulo: Ática, 1989.
- _____. *Lutas camponesas no Nordeste*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.
- _____. *Geografia econômica*. 10. ed. São Paulo: Atlas, 1989.
- _____. trabalhos. *Caminhos e descaminhos da geografia*. 2. ed. São Paulo: Papyrus, 1993.
- _____. *Uma geografia para o século XXI*. Campinas (SP): Papyrus, 1994.
- _____. *Manuel Correia de Andrade: o geógrafo e o cidadão* organizada por José Lacerda Felipe e editada em 1995 pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- _____. Brasil: união ou fragmentação. *Anais do V Encontro Nacional do ANPUR*, Belo Horizonte, 24 a 27 de agosto de 1997, Vol. 3, Belo Horizonte, UFMG/CEDEPLAN, vol. 3, 1995.
- _____. *As raízes do separatismo no Brasil*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1997.
- _____. A construção da geografia brasileira. *Revista Ra'Ega*, Curitiba, n. 3, p. 19-34, 1999, Ed. UFPR.